

289 Tancredo, sonho de um sonho

CONTA-SE que, ao investir-se no governo da sua cidade, Péricles deixou de rir. Tinha consciência da imensa responsabilidade que assumia. Sabia que a sua vida correria risco se não lograsse êxito na batalha pelo apoio constante dos atenienses. Conhecia, como os gregos do seu tempo, a suprema importância da política. Maior das artes, segundo então se asseverava, a política habilitava o estadista a fazer pelo homem o grande e o esplêndido. Onde o justo temor, que assaltava o governante, de se mostrar inábil ou desastrado no desempenho do nobre ofício de que se encarregava.

A idéia do primado da política, na plasmação das relações sociais, brilha, de modo fulgurante, em nossos dias. A transcendência, que se lhe atribui, na arrumação do presente e na invenção do futuro, leva insigne pensador de nossa época a qualificar como terrível a seriedade da ação política.

Desse juízo se tira que a ação política precisa ser repensada, a fim de se evitarem equívocos, que a desviem dos objetivos urgentes, que deve alcançar. No plano filosófico, preconiza-se a instauração de nova política, guiada por estrelas que retifiquem o rumo dos acontecimentos, que se prenunciam funestos, seja para os povos, seja para a humanidade.

Tancredo, como Péricles, avaliou o drama que o destino lhe deparava. A sua visão de estadista vislumbrava as sombras que toldavam o horizonte. Porém, a sua irresistível vocação de homem público sufocava as razões que o aconselhavam a afastar de si o encargo que o quadro político lhe impunha.

Acreditava no Brasil. Acreditava no seu povo que, por sua vez, concentrou nele toda a sua esperança. Povo e Tancredo se aliaram para enfrentar as asperezas e os perigos oriundos da crise, que seria menos alarmante se fosse somente nossa, se não ameaçasse todos os continentes, se fosse crise apenas material e não crise dos próprios valores, que dão sentido à vida e fazem com que os

homens suportem as suas instituições e suportem sobretudo uns aos outros.

Talento invulgar, senso incomum, domínio dos problemas nacionais, conhecimento dos homens, vocação de estadista, coragem cívica exemplar, alma varonil, todos esses predicados confluíram para que Tancredo Neves desenhasse com objetividade o seu projeto político e social.

Atingia o momento culminante da sua história de homem público, história que a fatalidade interromperia de modo dramático, para não dizer trágico.

A morte pode até não ser indesejável. Isso, porém, quando o ardor de viver se tiver estiolado, quando, pelo cansaço da existência, o espírito se inclinar freudianamente pelo não ser.

Para Tancredo, a morte, no entanto, foi duplamente cruel. Cortou o coroamento da sua atuação política. Sobreveio, depois, quando, já eleito, tinha aberto caminho para, como Presidente da República, converter em realidade, a favor dos brasileiros, tudo quanto, no plano teórico, havia concebido.

Cruel na sua precipitação, a morte não o foi menos, ainda, ao delongar-se pelo prolongamento impiedoso da agonia em que o mergulhou.

Tradição milenar, hoje esmaecida, é que a morte constitui fenômeno, antes de tudo, social, porque desfalca a comunidade de um dos seres que a compunham. No caso de Tancredo Neves, esse dado da sabedoria antiga vem à tona, porque a comunidade brasileira se considera como que mutilada pela perda que acaba de sofrer.

Majestosa é a morte, porque implacável e onipotente. Ao passo que a vida — diz o poeta — é o sonho de um sonho (*Leben ist so nur der Traum eines Traumes*). Sonho que viveu Tancredo — sonho que vivemos todos nós que o pranteamos.

